

### **Morada do Sol**

Todo lugar tem uma obscuridade que se torna lenda. O sítio dos meus avós atraía raios e bichos peçonhentos, mas também tinha cheiro de frutas do pé, grama verde, cloro, muito cloro para limpar a piscina. Durante quase todo o verão só era possível ocupar a piscina pela manhã. À tarde o céu fechava e poderíamos ser atingidos por um raio. Vovô dizia que não podíamos chamar a nuvem pesada de nuvem preta, pois trazia mau agouro. Começavam então os trovões e também o ritual: vestir a blusa, calçar os chinelos e não pegar em nada de metal, desligar a tv. Lá não tinha para-raios, o que fazia com que as panelas da vovó, que secavam do lado de fora da varanda, vez ou outra explodissem ou as árvores fossem atingidas, era um estrondo!

No inverno, outro ritual começava: colheita das tangerinas, dos cajus, das goiabas e dos maracujás, tudo antes da nossa chegada, anunciada com três buzinas. E quebrava a graça de subir no pé, equilibrar no muro, ver os ninhos de passarinho, correr o risco de cair e ter que engessar o braço, este, desejo tolo de criança. O que eu não sabia é que nas árvores tinham cobras que comiam os passarinhos, que debaixo do pé de jamelão vivia um sapo gigante que expelia veneno e tinha um coaxar tão irritante, que estragava os tímpanos.

Morada do Sol, não só diziam, como podíamos descobrir ao passear pelas redondezas, era um lugar para depenar carros e pessoas. Numa noite de tempestade, tão forte que teve correnteza, o carro de uma moça foi arrastado para o riacho que corria junto à estrada principal, nada aconteceu com ela, mas tivemos que esconder o carro com galhos e folhas, para esconder dos depenadores. Ali perto tinha cheiro de eucalipto. Toda a estrada principal tinha pés de eucalipto, árvores altas e tristes, pareciam sempre aborrecidas com seus galhos apontando para baixo.

Eu não conhecia o cheiro de carniça até o dia que seguimos esse mesmo riacho e encontramos um esqueleto inteiro enrolado no arame farpado. Eu também não conhecia o medo de sufocar à noite. Aquele esqueleto invadiu meus sonhos, queria me afogar na piscina, me estrangular nas brincadeiras de pique, e à noite, mesmo que eu me cobrisse dos pés à cabeça, estava na minha cama.

Diziam também que no lago onde os soldados do exército treinavam, atravessando-o por uma corda, tinha fundo de areia movediça, quem lá caísse morreria. Frequentemente passeávamos por ali, porque tinha um mangueiral e eu ficava imaginando esqueletos no fundo desse lago. De vez em quando os walkie-talkies do exército davam interferência na tv, era possível ouvir uma ordem de castigo para algum soldado desobediente, que consistia em ficar olhando para o sol por uma hora. Muitos cegavam.

Meu avô se dava muito bem com plantas, rezas e crianças. Toda vez que alguém adoecia, fazia unguentos com álcool, eucalipto e outras folhas,

esfregava no corpo da pessoa doente e rezava alguma coisa, ela melhorava. Em noites festivas, reunia os netos mais novos para contar histórias, nós parecíamos bêbados de tanto caldo de cana que meu avô preparava com o moedor que ele mesmo construiu.

Mas não se dava com objetos de metal, como botijões ou arames. Eu não entendia aquilo, até o dia que ouvi nitidamente um leão rugindo, enquanto ele tentava instalar um botijão de gás, que teve que jogar longe para evitar que explodisse perto de casa. Também teve a vez que um pedaço de arame entrou todo no braço direito, deixando-o sem movimento.

Meses depois a piscina não tinha mais cheiro de cloro, ficou verde feito um brejo, habitada por girinos e rãs. As plantas secaram. O coração do sítio parou de bater.

**Tatiana Leal**